

# Na Sala de Aula

QUARTA-FEIRA | 5 | SETEMBRO | 2007

## O começo de tudo

Não chega a ser uma regra, mas grande parte dos adolescentes iniciam o namoro no colégio



ARTE DE ANDREY FREITAS SOBRE FOTO DE HERMÍNIO NUNES

O que as escolas fazem para manter as bandas

Página 3

Áreas escolares cativam a população aos sábados

Página 11

Assim como Mayara de Sousa e Peterson de Souza (foto), ambos de 17 anos, que estudam no mesmo colégio e que trocaram as primeiras palavras numa festa, os namoros têm começado na escola. Professores e pais dos adolescentes sabem que é assim mesmo, pois é no colégio que os jovens passam boa parte de tempo. Para se adequarem com responsabilidade ao que ocorreria com ou sem permissão, muitas instituições de ensino já estabeleceram regras bem claras quando o assunto é namorar na escola.

Páginas 6 e 7

**Apresentação**

Que estaria escrito naquele bilheteinho completamente dobrado e redobrado? Os dedos trêmulos abriam o papel e lá estava escrita uma palavra, que poderia ser a resposta de uma grande paixão ou de uma tremenda desilusão.

Para quem nasceu na era digital deve estar se perguntando do que se trata o parágrafo acima. Para quem já saiu do colégio há algum tempo sabe: era assim que meninos e meninas adolescentes trocavam as primeiras palavras, para demonstrarem o sentimento mútuo. Uma espécie de correio elegante, tão comum nas festas juninas. Pode não ser regra, mas é certo que grande parte dos namoros de jovens começam nas escolas.

Como se pode perceber, esta história vem de longa data, só troca o nome, de acordo com a moda. Antes era o flerte, agora é o ficar, que também já está mudando; antes era o bilheteinho, agora é o orkut; antes os meninos tinham vergonha de conversar com as meninas, agora... eles continuam do mesmo jeito. Isto não depende de tecnologia, é da natureza humana. O computador ainda não resolveu o problema do calor, do fogo que dá no rosto quando se está perto da pessoa pretendida.

O namoro na escola e o significado do amor é o tema principal desta edição do DC em Sala de Aula. O caderno é uma parceria do **Diário Catarinense** com a Secretaria de Estado da Educação. O namoro entre adolescentes é abordado na capa e na página central do suplemento, com entrevistas com jovens, com professores e com um artigo de especialista.

Na contracapa do caderno é abordado o amor, a partir de um trabalho desenvolvido em sala de aula, por estudantes de Balneário Camboriú. O projeto foi feito a partir da idéia da escola de criar a Semana do Romantismo, uma oportunidade para os alunos conhecerem esse período em que os autores expressavam sua liberdade e independência, e também para que os alunos expressassem o que aprenderam através de trabalhos escolares.

O suplemento ainda trás outros temas importantes, como o interesse dos estudantes pelas fanfarras e as atividades desenvolvidas nas escolas que abrem as portas aos sábados para integrar as comunidades onde atuam.

Tenha uma boa leitura.

# Gosto pelo esporte

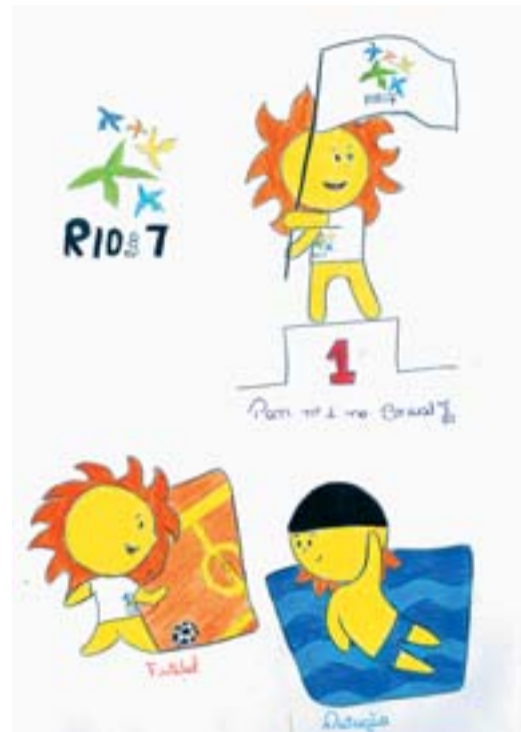
Embalados pelos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, os alunos da Escola de Ensino Fundamental Rui Barbosa, em Joinville, aproveitaram a aula de educação física para soltar

a criatividade no desenho. Eles expressaram no papel a prática esportiva. Além disso, tomaram conhecimento de regras e da história de diferentes modalidades.

O projeto "Viva o Pan!" foi desenvolvido pela professora Josete Maria Teixeira, com estudantes de 1ª a 8ª série. Veja o resultado de alguns dos trabalhos dos alunos.



Thiago Krüger Sprung, 6ª série, 13 anos



Sofia Tedesco Figueiredo, 7ª série, 13 anos



Maria Luisa Riesenber, 4ª série, 10 anos



Gabriel Eugenio, 4ª série, 11 anos



Alessandra Pacher, 3ª série, 12 anos



Cristiane Carolina da Silva, 2ª série, 10 anos



GLAUCON COVRE

Saiba mais

Desde as últimas décadas do século 18 assinala-se na América Latina a crise do Antigo Sistema Colonial. No Brasil, essa crise foi marcada pelas rebeliões de emancipação, destacando-se a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana. Foram os primeiros movimentos sociais da história do Brasil a questionar o pacto colonial e assumir um caráter republicano.

Era apenas o início do processo de independência política do Brasil, que se estende até 1822 com o “Sete de Setembro”. Esta situação de crise do antigo sistema colonial, era, na verdade, parte integrante da decadência do Antigo Regime europeu, debilitado pela Revolução Industrial na Inglaterra e, principalmente, pela difusão do liberalismo econômico e dos princípios iluministas, que, juntos, formarão a base ideológica para a Independência dos Estados Unidos (1776) e para a Revolução Francesa (1789).

Trata-se de um dos mais importantes movimentos de transição na História, assinalado pela passagem da Idade Moderna para a Contemporânea, representada pela transição do capitalismo comercial para o industrial.

Nos ensaios, as balizas da Escola Rosa Torres de Miranda, em São José, utilizam cabos de vassoura para simular o bastão que irão carregar no dia do desfile

# A tradição da banda

Às vésperas do feriado de Sete de Setembro, data em que se comemora a Independência do Brasil, a euforia toma conta do ambiente escolar.

Não é pelo fato do dia ser de descanso. Ao contrário, os mais eufóricos são os que têm compromisso nessa manhã. E bem cedo.

A tradição do desfile de Sete de Setembro se mantém em alguns colégios e leva estudantes para as ruas. Marchando, dançando ou tocando, o patriotismo não deixa de ser exercido, transformando quadras e pátios em passarelas até o dia da apresentação. Quando som e movimento se juntam, o resultado é a fanfarra. Apesar da nostalgia que a palavra pode despertar em quem está longe dos bancos escolares há tempo, ela resiste aos anos e permanece entre as atrações nas paradas – já nem tão disputada como antigamente, mas exigindo a mesma dedicação de seus integrantes.

No Colégio Cecília Rosa Lopes, em São José, a diretora Maria Augusta Ventura admite que é preciso incentivar os alunos para participarem da fanfarra, que começa os ensaios em abril. Em compensação, se no início do ano não é fácil unir 40 alunos de quinta série ao ensino médio para ensaiar fora do horário de aula, quando chega agosto eles não faltam.

É o caso de Robson Carvalho, 18 anos, estudante do ensino médio.



Os estudantes do Cecília Rosa Lopes, localizado em São José, começam a ensaiar no mês de abril, mas o número de interessados só aumenta a partir de agosto

Atraído pela música, ele começou na fanfarra há três anos, tocando bumbo. E o que pode parecer mais estranho para quem não participa do grupo, a roupa e as apresentações, é o que ele diz mais gostar.

**Muito além do Sete de Setembro**

– Com a fanfarra, a gente viaja para mostrar nosso trabalho ao longo

do ano e, no Sete de Setembro, é a oportunidade de representar o colégio – conta o jovem, que agora toca caixa na banda.

Durante os ensaios, conter a bagunça, exigir postura e treinar os olhares para garantir que não se voltarão para a platéia no dia da apresentação é o mais complicado, segundo o maestro Cleber Ribeiro, da Escola Rosa Torres de Miranda, também em São José. Dias antes

do desfile, as balizas repetem a coreografia da chamada linha de frente, que antecede a banda, com cabos de vassoura para improvisar o bastão que carregarão e manter intacto o material reformado do ano passado.

Lá, a fanfarra garante à comunidade não só representação no Dia da Independência, mas um clima interiorano aos domingos mais festejados do ano.

É comum que a equipe se reúna em todas as datas comemorativas, como o Dia dos Pais, para alegrar a saída da missa da igreja próxima ao colégio. A banda e as balizas saem seguidas pelos fiéis.

Tradição à parte, a fanfarra é, acima de tudo, uma alternativa de lazer e de socialização através da música, em que os participantes dependem de disciplina para desempenhar suas funções.

# Quando eu crescer...

NATALI LECH,  
13 ANOS, 8ª SÉRIE

“Psicóloga, porque é uma profissão que entende o que os outros estão passando, ser a pessoa que os outros confiam para contar a sua vida, e que consiga dar o conselho certo para que possam melhorar a sua vida com os meus conselhos.

Mas nas horas vagas, eu quero ajudar as pessoas carentes que precisam de carinho, comida. Para muitas pessoas, a vida é só dinheiro e mais dinheiro. Claro que o básico já está bom, mas para a vida que vale é ajudar os outros e ser reconhecida por isso.”



Michel Moreira, 14 anos, 8ª série, quer ser cientista



Bruna Penter, 12 anos, 6ª série, deseja ser esteticista

JAINÉ RAMOS,  
13 ANOS, 7ª SÉRIE

“Primeiramente, quero dizer que são várias as profissões que me dizem algo. Hoje, quero seguir um caminho de realidade, em que tudo se convive, a cada dia quando de um rabisco surge uma letra.

Quero que saibam que o que quero ser na minha vida inteira é a profissão que mais me cativa, é aquela de levar a cada criança uma luz de esperança. Enfim, quando crescer, eu quero ser professora”

FERNANDO DE LIMA,  
12 ANOS, 5ª SÉRIE

“Quando eu crescer quero ser técnico em informática, lidar no computador, porque eu gosto de fazer isso. Assim, pretendo ganhar muitas coisas. Eu quero ser técnico com muito orgulho, carinho e com muita atenção.

Eu tenho um computador lá em casa, eu jogo com minha irmã e com minha sobrinha, e as vezes com meu amigo, neto da minha vizinha da frente da minha casa. O meu computador só não tem internet, mas eu tenho um CD com 210 jogos, que eu adoro jogar!

Quando eu tenho tempo, eu fico a tarde inteira jogando joguinhos”



Erica Muller da Silveira, 12 anos, 6ª série, quer ser médica



Diogo Roberto Fernandes,  
12 anos, 7ª série,  
pretende ser técnico de futebol

Em Três Barras, município do Planalto Norte Catarinense, na Escola Básica General Osório, as professoras Marize Cordeiro e Maria Rosélis de Souza colocaram a cabeça dos alunos da 5ª a 8ª série a pensar sobre como eles se imaginam quando forem adultos. Para Marize, professora de Língua Portuguesa, a atividade valeu a pena porque deu continuidade ao que vem sendo trabalhado e porque foi possível

constatar que os estudantes continuam com a mesma pretensão, outros estão indecisos e alguns mudaram de idéia.

Já Maria Rosélis, professora de Artes, entende que a atividade foi interessante, pois os estudantes se socializaram, falaram sobre profissões e ainda trabalharam com cores, linhas, formas e deram margem à criatividade. Veja alguns textos e desenhos dos alunos nas páginas 4 e 5.



**CAROLINE PACHECO, 13 ANOS, 8ª SÉRIE**

“Quando eu crescer quero ser veterinária para cuidar dos animais e não deixar eles ficarem na rua, pois para qualquer ser vivo é ruim não ter um lar. Adoro os animais que são meigos e muitas vezes indefesos. Esta profissão requer muito de mim e sei que darei o melhor para me tornar uma boa veterinária, mas até chegar à faculdade não sei se chegarei com o mesmo pensamento”

**Barbara Alves, 14 anos, 8ª série, pretende ser pediatra**

**DAIANA SKORI, 13 ANOS, 7ª SÉRIE**

“Quando eu crescer, pretendo ser bióloga, quero ingressar numa faculdade e, para isso, vou estudar bastante. Quero ser bióloga porque, lendo a respeito, aprendi que ser bióloga é fazer o que eu gosto. Descobrir coisas novas, estudar os animais, as plantas, e tudo que está ao nosso redor. Acho interessante tudo isso porque vou aprender um pouco mais sobre o que nos rodeia.”

**Nadia Nayzer, 12 anos, 7ª série, deseja ser modelo fotográfica**



## Hiperatividade ou hipodisciplina?

MARISE SIQUEIRA CARNEIRO DA FONTOURA \*

A sociedade está mudando. Com ela, os valores estão sendo alterados. A partir deles, a educação também está se transformando. Ao fazer referência à educação, não considero somente a educação formal, sistematizada, escolar, mas a formação integral do sujeito promovida pela escola, família, grupos sociais, religiosos, esportivos, enfim, por todos os contextos em que o indivíduo transita.

Os educadores de hoje, dentre eles e principalmente os pais, em sua maioria, são “produtos” de uma educação sistematizada verticalizada, repressora, onde o saber se equivale a poder e o aluno, por não tê-lo, desempenha um papel passivo nesse processo, destinado somente a receber os conhecimentos, sem contestá-los ou discuti-los.

As mudanças que vêm ocorrendo geraram certa “confusão” para os pais de agora; parece haver uma urgência na compensação de tudo o que não puderam dizer a seus pais e professores, daquilo que não puderam contrapor, de todos os desejos não satisfeitos e de todos os movimentos (físicos mesmo) não realizados no momento em que deveriam ter sido.

Não é difícil vermos pais contrabalançarem (ou pensar que o fazem) suas ausências com mimos aos filhos (“Nem que seja uma lembrancinha do 1,99”, como ouvi de uma mãe.). É a troca da convivência, do apoio, do acompanhamento por um objeto descartável em sua matéria e significado.

Iludem-se os que pensam que esta estratégia funciona. Seu melhor resultado é gerar uma infinita demanda de compra de “presentinhos” a cada ausência paterno-materna, planejada ou não, sem que isso supra a verdadeira carência que se instala.

Neste universo de compensações ou de tentativas para que elas aconteçam, a falta de limites vai, aos poucos, se estabelecendo, à medida que os “nãos” também são evitados, fruto de um provável sentimento de culpa experimentado por pais ausentes da rotina da família.

“Dizer NÃO fica difícil quando não se passa o tempo ideal juntos.”, comentou um pai cheio de remorso. “Como vou gastar o tempo em que fico ao lado do meu filho dizendo NÃO para ele?” “Por que, na escola, ele também tem que receber uma sucessão de negativas? E a sua espontaneidade como fica?” Comentou uma mãe que costumeiramente adota a estratégia que foi referida.

E o que se vê são crianças e adolescentes que não conseguem construir o conceito de “até aqui eu posso ir; daqui para frente, não”, essencial a qualquer tipo de convívio, mas quase esquecido por alguns.

Quantas vezes nos deparamos com casos de alunos, em instituições particulares ou públicas, que ainda não aprenderam a respeitar os profissionais da escola, desafiando-os constantemente, da mesma forma que agem em casa em relação aos “mais velhos”; que são mais agitados ou inquietos do que o esperado porque precisam, de algum modo, chamar a atenção ou que se julgam imunes a qualquer regra que venha tolhir-lhes algum desejo.

Essa agitação excessiva, o desafio constante, o baixo rendimento escolar conseqüente dessa situação têm sido vistos por alguns educadores como sintomas de hiperatividade, ou seja, como a “medicalização” de uma total falta de limites em relação a si e ao outro.

É evidente que casos de hiperatividade existem e não são raros, mas está acontecendo uma vulgarização dela, em decorrência dos poucos ou frágeis critérios adotados no seu diagnóstico, quando não é feito pelos profissionais adequados.

Não quero, com isso, fazer apologia à disciplina espartana e excessivamente rígida nas escolas e famílias, mas, convenhamos, para aprender e ensinar é preciso ordem, é necessário conciliar os momentos em que se fala, em que se fica calado, em que os movimentos são livres, em que a concentração é fundamental.

O mundo familiar e escolar são diferentes do “mundo em geral”. Nos primeiros, sempre há uma segunda chance, sempre existe alguém que defende aquele que “vacilou”. No segundo, isso não acontece; dificilmente o sujeito tem direito à segunda chance. Portanto, pais, em nome dessa diferença de contextos em que seus filhos inevitavelmente viverão é que peço a sua reflexão. Dizer NÃO é fundamental e, desde que explicado, justificado, não dói, nem magoa; ensinar que o limite de um acaba onde começa o do outro, é necessário para a convivência harmoniosa; respeitar as diferenças individuais é essencial, mesmo que, às vezes, possa não parecer agradável. Acreditar que seu filho pode, sim, ter comportamentos diferentes em casa e na escola colabora para que a parceria entre as duas principais instituições formadoras (escola/família) de solidifique.

Caso seu filho esteja apresentando, em demasia, agitação, inquietude, distração, conflitos em suas relações, baixo rendimento escolar, procure, antes de “rotulá-lo” como hiperativo, saber se não estamos diante de um caso de hipodisciplina.

Desejo-lhes sucesso.

\* Especialista em Psicopedagogia pelo Instituto Superior de Pós-Graduação - ISEPG e Mestre em Psicopedagogia pela Unisul.

# Tempo de namoro

**Não é difícil apaixonar-se por alguém na escola. Seja pelo colega da carteira ou da sala ao lado, raro é encontrar alguém que nunca paquerou na hora do recreio.**

**Na adolescência, a probabilidade é ainda maior. Mas é também nessa fase que a troca de olhares vai além e se transforma em namoro.**

Educações e pais sabem que é aí que começam os relacionamentos afetivos de seus filhos, e que proibi-los seria como não reconhecer que os tempos mudaram. Para se adequarem com re-

sponsabilidade ao que ocorreria com ou sem permissão, muitas instituições de ensino já estabeleceram regras bem claras quando o assunto é namorar no colégio.

Andar de mãos dadas, fazer trabalho na mesma equipe, voltar para casa juntos. Tudo isso costuma estar previsto no código de ética imaginário imposto aos casais que se formam nas dependências da escola. "Dar uns amassos" – expressão usada para abraços mais fortes acompanhados de beijos mais demorados – é coarctação na certa.

Depois de serem cobrados pelo comportamento nada condizente com o ambiente escolar uma vez, a reinci-

dência é quase nula, garante Luciana Adada dos Santos, uma das diretoras do Colégio Irmã Maria Tereza, em Palhoça.

Lá, no intervalo é possível perceber vários casais de namorados. Por mais que tentem disfarçar, o modo como conversam, próximos e em tom mais baixo do que o usual, os denuncia. Não é à toa que Fayra Lucca, 16, e Leonardo Schlemper, 17, começaram o namoro no recreio.

## Manter a postura dentro da sala de aula

Juntos há mais de um ano e com permissão dos pais para namorar em casa, eles dizem que já podem

abrir mão dos beijos e abraços com tranquilidade. Estudando na mesma sala, no terceiro ano do ensino médio, dizem manter a postura também em aula.

– Os que incomodam geralmente são os que só ficam. Porque a escola costuma ser o único local de encontro desses adolescentes – observa Luciana Adada dos Santos.

Sim. Escola também virou lugar de só ficar. E para conter os mais "afoitos", a direção do Colégio Irmã Maria Tereza teve que providenciar um portão para fechar a entrada de acesso a uma área atrás da quadra, onde os próprios alunos admitem que "ficavam". Afinal, eles querem privacidade.



Lucas Vidal chegou ao Colégio Getúlio Vargas, em Florianópolis, na metade deste ano, e as meninas sempre querem novidade, diz a namorada Jéssica Soares



Leonardo conta que estava apaixonado por Fayra, mas tinha receio de não ser correspondido, e resolveu arriscar as palavras iniciais pela Internet

## Na Sala de Aula

### Namoro na escola: os desafios da atualidade

JAQUELINE DORNELLES KLOKNER \*

A família é o espaço de socialização primária da criança, ou melhor, é neste ambiente que ela constrói sua personalidade ao longo da primeira infância; é ela a gênese da ética. Neste primeiro e decisivo encontro entre criança e família a partir do nascimento, o sujeito se constitui, é protegido e conhece o mundo: os limites lhe são apresentados para que, na seqüência, a criança possa incorporá-los e adaptar-se nos mais diversos ambientes. Aprenderá o que são valores, critérios, moral e ética.

Logo adiante, já com certa bagagem, a criança vai ao encontro do ensino formal na escola, que é chamada de socializadora secundária. Um espaço que deve complementar o que foi iniciado em casa e prepará-la para o universo do aprendizado, além da sociabilidade, é claro. É interessante considerar que as escolas recebem uma gama muito heterogênea e distinta de diversas manifestações, crenças e valores e é preciso lidar com toda esta diversidade de forma adequada e saudável. Como a criança não pode ser segmentada no seu desenvolvimento, ela traz consigo à medida que cresce, sua sexualidade que começa a manifestar-se mais na transição da pré-adolescência para a adolescência quando definitivamente os "hormônios roubam a cena".

Tanto como a família, a escola precisa ter bem clara sua conduta educativa em relação a regras, limites, combinados, valores e forma de funcionar como instituição formadora. Neste sentido, saber delimitar até que ponto pode ou não ocorrer namoro na escola, de que maneira pode ser expresso ou não, sem necessariamente adiantar as etapas, que hoje em dia vemos acontecer nos mais variados ambientes. Paralelo, se sabe que a própria manifestação da sexualidade é inerente e faz parte do bom desenvolvimento do jovem, portanto ela não deve ser negada. Ao contrário, poder falar a respeito, ser reconhecido nas suas ansias e conquistas dá o recado ao jovem de que ele está sen-

do considerado e também respeitado. Do ponto de vista operacional, cada instituição vai entender o que pode ser expresso fisicamente no ambiente escolar: talvez o casal andar de mãos dadas, vai depender de cada combinação que deve envolvê-los em suas resoluções, criando uma relação de mão dupla entre escola e alunos, além de solicitar dos mesmos, o exercício de sua responsabilidade.

Atualmente nos deparamos com crianças com condutas e aparência de um verdadeiro adulto e tudo isto fica muito complicado para o seu desenvolvimento, pois não possibilita um ensaio emocional para o crescimento gradual. Há uma queima de etapas perigosa, que muitas das vezes pode levar os jovens a determinadas circunstâncias com as quais eles não estão preparados para vivenciar, como, por exemplo, relacionamento sexual precoce, gravidez na adolescência e etc.

Da mesma forma, tanto a criança quanto o adolescente pedem e necessitam de limites, a fim de se protegerem de sua "onipotência e imaturidade", testam para ver até quanto podem e é aí que entra o papel de cada ambiente. A capacidade da escola em proporcionar condições sadias às crianças e aos jovens, primeiro, que cada um deles faz parte de uma sociedade, de uma comunidade, na qual se tem papéis e funções.

E em segundo plano que cada papel e função têm seu contexto específico, seu lugar (escola é para estudar e etc.), ou seja, que a criança e o jovem possam se dar conta de que fazendo um bom uso de suas potencialidades e possibilidades, possam se beneficiar para o crescimento.

É lógico que tudo isto é um aprendizado em meio ao processo de uma construção essencial de limites, respeito, auto-estima, empatia, ética e cidadania.

É fundamental que a dupla família e escola possam falar uma mesma linguagem, pois muito mais que discursos, a criança e o jovem precisam de exemplos de coerência e dignidade.

\* Psicóloga

# O primeiro beijo

Normalmente, esses casais de namorados se conhecem e têm o primeiro contato físico no colégio, com histórias que chegam a ser engraçadas, como a de Mayara de Sousa e Peterson de Souza, ambos com 17 anos e no terceiro ano do ensino médio.

Companheiros até no sobrenome, a primeira vez que se beijaram foi no meio de um amontoado de gente. Há um ano e quatro meses, eles estavam conversando em um corredor da escola, quando amigos em comum se juntaram para fechar os dois acessos ao lugar e impedir que os dois fossem incomodados por outros estudantes ou pegos pela diretoria.

Curioso é que a conversa que inicia o romance costuma ocorrer longe da escola, intermediada por colegas. Mayara e Peterson trocaram as primeiras palavras em uma festa. Fayra e Leonardo, pelo Orkut (site de relacionamento).

– Eu estava interessado nela por sua espontaneidade e bom humor, mas o medo de não ser correspondido fez me aproximar pela Inter-

net, ao invés de ao vivo – conta o garoto.

Já Mayara e Peterson investiam nos olhares no pátio, mas nunca nas palavras. Em uma festa longe do colégio é que viram oportunidade para aproximação.

– Depois disso, a gente se encontrava apenas para bater papo, no intervalo e na saída da aula. O episódio do corredor que acabou em namoro – lembra a garota.

Embora histórias como estas sejam cobichadas por muito adolescente afim de namorar, elas também têm seu lado ruim.

Para Fayra, a individualidade dos namorados da mesma sala pode ser prejudicada pelo namoro por causa da necessidade de dividir a atenção entre os colegas e o companheiro. Já o ciúme atinge a todos. Até quem estuda em séries diferentes.

É o caso da aluna do segundo ano do ensino médio do Colégio Getúlio Vargas, na Capital, Jéssica Soares, 16, e do namorado Lucas Vidal, 19. Como ele está um ano atrás dela nos estudos, Jéssica tem mais dificuldade para controlar o namorado e assume o que sente:

– Ele veio de outro colégio na metade do ano e as meninas gostam de novidade.

Lucas, que chegou a mudar de colégio para

estar mais próximo do trabalho e da namorada, jura que não há motivos para isso. Aliás, os dois costumam ficar sempre tão juntinhos que os afagos já renderam para o jovem um puxão de orelha na coordenação.

– Não existe norma que proíba o namoro, só exigimos bom senso dos maiores, porque temos alunos menores, que ainda estão formando conceitos e personalidade – explica a coordenadora do Colégio Getúlio Vargas, Maristela Campos.

Outra preocupação recorrente no colégio é se os pais estão cientes do namoro. Fora isso, Maristela Campos conta que chegou a servir de conciliadora para um casal de namorados na eminência de terminar o relacionamento. Ela cedeu uma aula para que pudessem conversar com tempo.

– Concordo que o momento é de estudo, mas o namoro acaba acontecendo junto e aqui. Nossa função é educar, não apenas preparar para fazer provas – argumenta.

E se alguém pensa que o ônus de namorar com colegas da mesma escola vem junto com o boletim, está enganado. Todos os casais dizem ter boas notas. Alguns afirmam sentirem-se até mais motivados para encarar os livros.

### Os sinais da moda



Os namorados também lançam moda. As tradicionais alianças de compromisso ganharam novo design: são mais grossas e possuem o nome do casal ou só do companheiro na parte externa. A maioria dos casais de namorados que se vê nos colégios dispõe de um par dessas alianças. Leonardo e Fayra marcam o compromisso inclusive com pulseiras, também com seus nomes gravados. Todos os badulaques são de prata, como manda a moda nos colégios.

### Fique atento

#### Orientações

- > Convicção Institucional – princípios e valores da escola em relação ao assunto.
- > Educação sexual familiar – cultura.
- > Clareza dos limites impostos pela instituição de ensino – para alunos, pais e funcionários.

#### Aconselha-se

- > Capacitar professores e funcionários sobre o assunto. Assim, todos administrarão as situações do dia-a-dia com mais propriedade.
- > Educação Sexual como tema transversal. Inserir o assunto "sexualidade" no currículo escolar.
- > Deixar clara as diretrizes da escola sobre o assunto.
- > Promover conscientização do impacto negativo ou positivo do exercício da sexualidade no indivíduo e no meio social.
- > Não descuidar do rendimento escolar.
- > Repassar valores importantes para uma convivência sexual harmoniosa.
- > Levantar em conta a natureza de cada fase antes de abordar o assunto.

## O ingresso aos seis anos

ISABELA MASCARENHAS ANTONIUTTI DE SOUSA \*  
CLEUSA MARIA FELISBERTO TAVARES  
ANA DIRCE DE VILA

**A**ntecipação da obrigatoriedade de matrícula e frequência à escola a partir de seis anos de idade e a ampliação da escolaridade obrigatória são antigas e importantes reivindicações no campo das políticas públicas de educação no sentido de democratização do direito a educação e de capacitação dos cidadãos para o projeto de desenvolvimento social e econômico da nação brasileira, uma vez que os indicadores nacionais apontam que, atualmente, das crianças em idade escolar, 3,6% ainda não estão matriculadas. Entre aquelas que estão na escola, 21,7% estão repetindo a mesma série e apenas 51% concluirão o ensino fundamental, fazendo-o em 10,2 anos em média.

Acrescenta-se, ainda, a esses dados, que aproximadamente 2,8 milhões de crianças de sete a 14 anos estão trabalhando, o que, por si só, já é comprometedor, mais ainda quando cerca de 800 mil dessas crianças estão envolvidas em formas degradantes de trabalho.

Prevista na Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e sendo uma das metas para o ensino fundamental no Plano Nacional de Educação (PNE), a ampliação do ensino fundamental para nove anos, com matrícula a partir dos seis anos de idade e amparada pelas Leis Federais nº 11.114 de 16 de maio de 2005, e nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, caracterizam-se como uma política afirmativa da equidade social, dos valores democráticos e republicanos.

Contudo, sabemos que não bastam apenas leis para assegurar um ensino de qualidade a essas crianças que estão ingressando com seis anos na 1ª série do ensino fundamental. Há de se pensar nessa criança com características peculiares ao seu nível de desenvolvimento social, cultural, psicomotor, afetivo e cognitivo; na organização de espaços, tempo e materiais que atendam realmente suas necessidades. E, acima de tudo, é preciso pensar na infância! É preciso conhecer essa criança que está ingressando no ensino fundamental.

Nesse sentido, é importante que os sistemas de ensino foquem sua atenção na reelaboração do currículo escolar e nas propostas pedagógicas, que realmente venham ao encontro das necessidades dessas crianças ingressantes na 1ª série. Essa fase da alfabetização precisa, então, ser entendida de uma forma mais ampla, ou seja, além da apropriação do código escrito. É preciso, mais do que nunca que o professor se sinta desafiado a repensar sua prática pedagógica, que a ludicidade se faça presente nas atividades de aprendizagem com as múltiplas linguagens, que a escola proponha situações de ensino nas quais as crianças possam vivenciar nas classes de alfabetização práticas sociais de leitura e escrita e, que, acima de tudo não esqueça que a criança ao ingressar no ensino fundamental não deixa de ser criança.

Salientamos também, que agora pode ser o grande momento de reavaliar todo o currículo escolar do ensino básico.

Pensando na necessidade de os professores se prepararem para o trabalho com a 1ª série do ensino fundamental de nove anos, a Gered de Araranguá, através da Supervisão de Educação Básica e Profissional, está promovendo um curso de formação continuada denominado "Alfabetização com Letramento".

Tem-se a consciência de que muitos caminhos ainda precisam ser trilhados. Contudo, é preciso que iniciemos essa caminhada.

\* Supervisão de Educação Básica e Profissional/SDR/Araranguá



Ariane Nunes, de 6 anos, chega com a mãe Karina ao Instituto Estadual de Educação, na Capital, para o primeiro ano do ensino fundamental

## Uma nova fase na educação

**Ariane Nunes tem seis anos e, ao invés de estar no último ano do ensino infantil, frequenta o primeiro do fundamental, no Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis.**

**Ela não entrou no colégio com um ano de antecedência, mas está entre as crianças que completaram seis anos até o dia 1º de março deste ano e estudam em escolas públicas estaduais de Santa Catarina, que já adotaram o novo sistema escolar brasileiro.**

**E**m 2005, quando a lei federal que altera de oito para nove anos o tempo do ensino fundamental foi instituída, pais e professores se viram cheios de dúvidas sobre as modificações. Hoje, com a mudança na prática, as regras estão mais claras e dividem opiniões.

Para a mãe de Ariane, a comerciante Karina Nunes, a mudança é benéfica por iniciar a alfabetização mais cedo. Na sua opinião, a filha estava preparada para ir além das brincadeiras de sala de aula.

– Hoje as crianças são espertas e armazenam um grande volume de informação, podendo ser cobradas mais cedo. Claro que é preciso preparar com calma para começarem a ler e escrever, por isso considero importante a mudança – avalia Karina Nunes.

O objetivo da lei recém-implementada no Estado é justamente o de evitar que o aluno enfrente a mudança radical que existe entre o ensino infantil, que aposta na ludicidade, e o fundamental, que tem como meta a alfabetização. Assim, o primeiro ano – antiga primeira série – deve ser uma fase

de transição entre o jogo de memória e o caderno. Para quem se perguntar porque isso não foi feito mantendo o sistema antigo, a resposta é simples, apesar de revelar uma realidade desastrosa: muitos alunos não passam pela educação infantil.

– Caso essa transição se desse antes, haveria um prejuízo ainda maior para as crianças que entram direto no fundamental – observa Selma David Lemos, integradora do ensino fundamental da Gerência de Educação da Grande Florianópolis.

De acordo com ela, as novas regras são tentativas de amenizar as diferenças entre os alunos que passam e os que não passam pelo ensino infantil. Para Selma, o sistema em vigor deverá fortalecer a base educacional e garantir melhores condições intelectuais para esses estudantes no futuro. Atualmente, os maiores índices de reprovação são registrados nas antigas primeira e segunda séries.

### Para especialista, ideal seria ampliar

Mestre em educação, o professor Jorge Alexandre Cardoso, considera a proposta interessante por beneficiar as crianças que não têm acesso à educação infantil, mas ressalta que a medida mais acertada seria aumentar o número de vagas para esses alunos e incluir nessa fase escolar a transição deixada para o primeiro ano do fundamental.

– A preocupação é que os professores não estejam preparados para este novo currículo e acabem usando modelos antigos de alfabetização com alunos mais novos – finaliza.

### Dúvidas mais comuns

#### O que é o ensino de 9 anos?

É a ampliação do ensino fundamental (EF), cuja duração era de oito anos. O EF de nove anos foi instituído pela Lei nº 11.114/05, que alterou a Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação e tornou obrigatória a matrícula aos seis anos no 1º ano do fundamental. Os colégios têm até 2010 para implantar o sistema. Nas escolas públicas catarinenses, as novas regras estão em prática desde o início deste ano.

#### O que mais vai mudar?

Municípios e escolas particulares que ainda não aderiram ao sistema devem elaborar uma nova proposta pedagógica e novo material didático. A nomenclatura também muda: no lugar de 1ª, 2ª e 3ª séries, será 1º, 2º e 3º anos, até o recém-criado 9º.

#### Quais são as regras em Santa Catarina?

O Conselho Estadual de Educação estabeleceu que a criança que tiver seis anos completos até o dia primeiro de março deverá ser matriculada no 1º ano do EF de nove anos.

#### O que acontecerá com quem está no sistema antigo, que dura oito anos?

A Lei prevê a coexistência dos dois sistemas até que a última série do EF de oito anos se forme. Como a mudança gera custos, muitas escolas estão se readequando para atender à legislação.

#### Com quantos anos o aluno terminará o EF de nove anos?

Com a mesma idade que terminaria o EF de oito anos, aos 14.

#### O último ano da educação infantil vai deixar de existir?

Sim. Com a readequação, ele será substituído pelo 1º ano do ensino fundamental.

# Traço à la Picasso



Helen Tailane Mudrak, 10 anos

Na Escola Básica Elpídio Barbosa, em Joinville, os alunos mostraram grande criatividade para realizarem o trabalho intitulado “Retrato no estilo cubista”, desenvolvido pela professora Rosana Bontempo Martins.

Através de desenhos, a professora buscou desenvolver nos estudantes o conhecimento sobre o movimento cubista e também falar sobre a vida e a obra do pintor espanhol Pablo Picasso. Outro objetivo do trabalho foi incentivar a criatividade dos alunos na produção artística dentro do estilo abordado na sala de aula.

Os alunos de 5ª série estudaram a obra de Pablo Picasso e o estilo cubista. Eles tiveram como base o quadro “Retrato de Jaime Sobartes como um grande da Espanha (1939)”, cuja obra retrata o melhor amigo do pintor.

A partir daí, os estudantes de Joinville escolheram um amigo na sala de aula, observaram detalhes da fisionomia e esboçaram o retrato dele. Depois, fizeram o acabamento do quadro, usando formas e cores com harmonia.

Veja o resultado de alguns deste desenhos da Escola Básica Elpídio Barbosa.



Camila Seiffert, 10 anos



Anna Karoline Quandt, 11 anos



Mirielle de Araújo da Cunha, 10 anos

# Os reflexos no futuro

Primeiro, os alunos da Escola de Educação Básica Aloysius Back, em Forquilha, no Sul do Estado, assistiram ao filme *Uma Noite no Museu* e, logo em seguida, debateram sobre o viram.

A partir daí, a professora de Língua Portuguesa Idaleti Goularte iniciou o trabalho "Aventuras na história", que buscou nos estudantes uma análise do passado, para que eles refletissem sobre atitudes tomadas hoje e que terão repercussão.

O trabalho teve oito objetivos, entre eles o de sensibilizar os alunos quanto à necessidade de agir de maneira prudente, pensando nas conseqüências;

incentivá-los a valorizar os antepassados, suas conquistas, inventos, descobertas, e preservar o patrimônio que deixaram; e estimular o hábito da pesquisa.

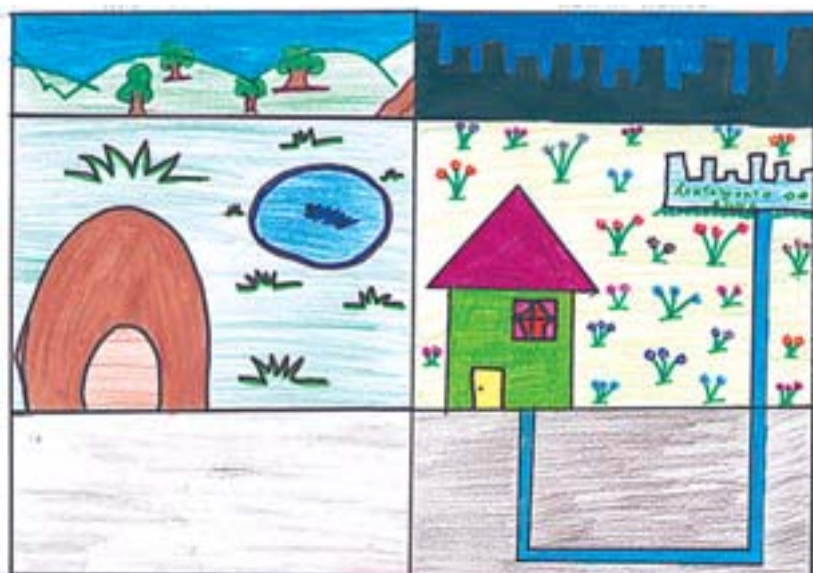
Para desenvolver o trabalho, os alunos seguiram seis passos. O primeiro deles foi imaginar como era a vida das pessoas 100, 200 ou 300 anos atrás e o que melhorou. Outro foi analisar os inventos, as descobertas (como escrita, eletricidade, telefone, TV, geladeira, computador, avião) e refletir sobre os benefícios ao homem. O último ponto foi pensar sobre o que estamos fazendo hoje de bom ou de ruim para as gerações futuras. Veja alguns destes trabalhos.



Bruna Oliveira de Lima, 13 anos, 7ª série



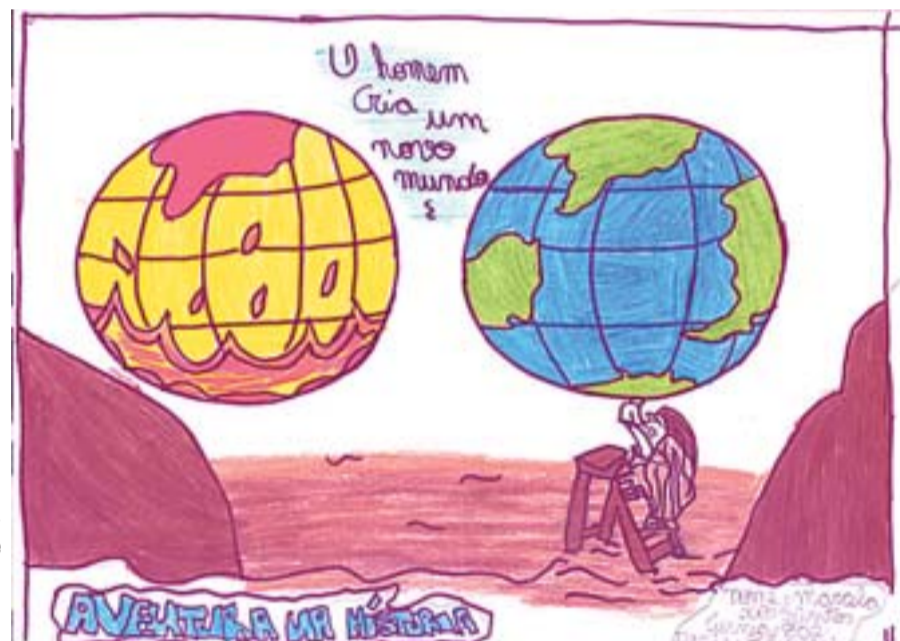
Jeize Henrique, 13 anos, 7ª série



Ana Paula Madalena, 13 anos, 7ª série



Jampier Stanger, 11 anos, 6ª série



Marcela dos Santos, 13 anos, 8ª série



Bruna de Oliveira, 13 anos, 7ª série



FOTOS DANIEL CONZI

A escola Pero Vaz de Caminha, na Capital, foi a primeira de Santa Catarina a abrir as portas aos sábados para integrar a comunidade, e até os pais dos estudantes participam das atividades no colégio

# Muito além de ensinar

O papel da escola é ensinar. Seja a ler, escrever, calcular, entender história ou como uma vida nova é gerada, seu objetivo não muda. Mas nos colégios estaduais incluídos no projeto nacional escola aberta, a meta dos educadores nos finais de semana vai mais além e inclui profissionalização e entretenimento.

Nada de tarefas, trabalhos ou provas. As escolas que abrem as portas aos sábados e domingos oferecem atividades desportivas, culturais e cursos de capacitação que não se restringem aos alunos, atendendo a toda a comunidade.

Os vizinhos Carlos Roberto dos Santos, 15 anos, e Lucian Amaral, 17, trocaram a ociosidade das manhãs de sábado pelo futsal na escola da Capital, Simão Hess, onde estudam. Lá, nesse dia, o silêncio dá espaço às quicadas de bola, conversas e risadas a partir das 9h, com a chegada de crianças e jovens à procura de diversão como os dois.

– Em casa, ficaríamos entediados pela falta do que fazer. Com a escola

aberta, a gente aproveita o dia se exercitando e fazendo novos amigos – comentam.

Até o shopping ao lado do colégio, inaugurado no início do ano, em poucos meses deixou de ser concorrência para as atividades oferecidas aos fins de semana no Simão Hess. Não é à toa que os professores do projeto, todos voluntários, às vezes precisam insistir para que os alunos parem para almoçar.

– O sucesso da escola aberta se deve à falta de espaço para lazer nos bairros. Antes, muitos pulavam o muro para utilizar as quadras, depredando o patrimônio. Hoje, a comunidade ajuda a cuidar do colégio por sentir que também é seu – avalia o coordenador do projeto na escola, o professor de educação física Jorge Ricardo Jardim Flor.

## As mães também frequentam os cursos

No primeiro colégio catarinense a abrir as portas aos fins de semana, o Pero Vaz de Caminha, em Florianópolis, a capoeira, o coral, a dança e os cursos de manicure e manequim estão entre as atividades



Lucian Amaral (de boné), 17 anos, aproveita os sábados para se divertir no pátio da escola Simão Hess, em Florianópolis

mais disputadas. Algumas alunas do ano passado inclusive já atuam fazendo unhas para colaborar com o orçamento de casa. Nem mesmo as mães de alunos deixam de frequentar os cursos, quando de seu interesse, garante a coordenadora Nicole Alves.

## Afastar jovens do que é ruim deve ser o alvo

Para o professor de teatro e, curiosamente, do curso de

modelos, o aposentado de 65 anos, Jorge José de Amorim, afastar os jovens do que há de ruim na sociedade deve ser o alvo do projeto escola aberta. Com este objetivo, ele é um dos voluntários no colégio, mas atua prestando serviços à comunidade gratuitamente há cerca de 20 anos.

– Sei que as meninas se interessam pelas passarelas, então, para atraí-las, aprendi nos livros as técnicas, assim como as de teatro. Basta ter vontade!

## O projeto Escola Aberta

Começou a ser implantado em 2005, embora tenha sido concebido e preparado desde 2003, com o objetivo de superar o modelo tradicional de escola voltada para si mesma, encerrada dentro dos seus muros, com seus espaços e equipamentos ociosos em finais de semana.

O objetivo é que a escola abra suas portas para atividades culturais, artísticas, esportivas, recreativas e de qualificação profissional, oferecendo à comunidade sua infra-estrutura e um conjunto de atividades coordenadas. O projeto tem apoio da Unesco.